O ESTADO DE S.PAULO
Publicado em 04/10/2022 - 06:00

Bolsonaro antecipa pagamento de Auxílio; Lula busca o centro

PT vai atrás de Tebet por aliança com Lula; Zema fala em apoio a Bolsonaro

Campanha de ex-presidente busca partidos de derrotados; PDT de Ciro faz reunião hoje para decidir; presidente mira governadores reeleitos e recebe aceno de mineiro

SÃO PAULO
BRASÍLIA

No dia seguinte à abertura das urnas, a campanha do petista Luiz Inácio Lula da Silva procurou candidatos derrotados para formar alianças no segundo turno. O comando do PT já entrou em contato com a senadora Simone Tebet (MDB), que deve anunciar apoio ao ex-presidente. Jair Bolsonaro, postulante à reeleição pelo PL, recebeu indicativo de apoio do governador de Minas, Romeu Zema (Novo).

Lula recebeu 48,4% dos votos válidos no primeiro turno, e o atual presidente, 43,2%. O PT, ontem, investiu em negociações com partidos. Já a declaração de Zema contra o petista dá força a Bolsonaro, uma vez que o presidente, no Sudeste, só perdeu em Minas – Estado-chave para reverter o resultado do pleito. A segunda rodada de votação está marcada para o dia 30 deste mês.

A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, afirmou que entrou em contato com o PDT, o União Brasil, o PSDB e o MDB, e, segundo ela, a intenção do partido é ter respostas nos próximos dois dias. A coligação estabeleceu três passos: construção do arco de alianças; retomada da campanha de rua para dialogar com eleitores que não apoiam o PT; e detalhar propostas para a classe média. O partido não apresentou versão final do programa de governo.

"A gente precisa conversar com quem parece que não gosta da gente", disse Lula. O ex-presidente deverá intensificar agendas em Minas, no interior de São Paulo e no Nordeste.

Sobre as alianças, integrantes da campanha presentes na reunião de comando, em São Paulo, disseram que o acerto exige composição programática – caso do PDT, de Ciro Gomes – ou apoio nos Estados – caso do PSDB. Os pedetistas, cujo candidato terminou em quarto lugar, deve declarar apoio a Lula hoje em reunião com a presença de Ciro.

Os petistas disseram acreditar que negociar com tucanos apoio à candidatura de Eduardo Leite (PSDB) no Rio Grande do Sul é uma das formas de destravar o endosso tucano.

Gleisi também afirmou já ter conversado com o MDB. "Estamos marcando horário para isso. Queremos muito ter a Simone na campanha, até pelo o que representa", disse. A senadora, que ficou em terceiro lugar, já afirmou que não ficará neutra. "Eu sou uma política que respeita o processo partidário, o processo eleitoral, mas, no máximo, em 48 horas, vocês decidam porque eu vou me pronunciar", disse ela ao fazer seu primeiro pronunciamento após o resultado do primeiro turno.

DECISÃO. Os partidos de sua coligação – MDB, PSDB e Cidadania – ainda não decidiram o que vão fazer. Alas das três legendas pressionam para uma posição unificada a favor de Lula. No MDB, o ex-presidente do Senado e deputado federal eleito Eunício Oliveira (MDB-CE), que apoia Lula desde o primeiro turno, avaliou que o apoio público de Simone é "muito importante" para o segundo turno e defendeu posicionamento da legenda. "Tem de tomar posição a favor de Lula, a favor do Brasil. A pior posição para um partido político é não ter posição", afirmou.

Em nota, o presidente do Cidadania, Roberto Freire, disse que vai propor que seu partido apoie o petista em reunião marcada para hoje. "Com Bolsonaro estaremos na oposição. Com Lula podemos conversar. Mas pelo menos não corremos o risco de não ter eleição em 2026", afirmou ao **Estadão.**

> ***"Não que eu concorde totalmente com as pautas do governo federal, mas estarei, muito provavelmente, ao lado do presidente Bolsonaro."***
> **Romeu Zema (Novo)**
> **Governador de Minas Gerais**

Já no PSDB há uma pressão desde o primeiro turno da eleição que a legenda liberasse os filiados para apoiar qualquer um dos dois candidatos. Uma ala mais ligada a velha guarda tucana tende a apoiar Lula, já os deputados federais da legenda resistem a endossar o petista e preferem Bolsonaro.

TASSO. Ontem, o ex-presidente do PSDB e senador Tasso Jereissati (CE) declarou apoio a Lula. O tucano deixou claro desde o primeiro turno, quando estava com a candidata do MDB, Simone Tebet, que considerava o petista uma alternativa melhor que Bolsonaro. "Minha posição é Lula. Evidente que o partido tem de discutir alguns pontos com a equipe dele, mas o que está em jogo para nós é a democracia e a democracia acima disso tudo. E esperando que Lula se comprometa com um governo de pacificação", disse Tasso ao **Estadão.**

MINAS. Reeleito em Minas, com 6 milhões de votos – ou 56,2% dos votos válidos –, Zema disse que "muito provavelmente" vai apoiar Bolsonaro. Em entrevista à CNN Brasil, Zema criticou gestões passadas de governos petistas, em Minas Gerais sob Fernando Pimentel, e da ex-presidente Dilma Rousseff para justificar sua escolha de votar em Bolsonaro. O apoio ainda não é formal, mas, segundo o governador de Minas, as conversas estão adiantadas e a decisão sairá em mais "um ou dois dias".

Zema ressaltou que seu principal objetivo é "combater o PT" e, apesar de não estar 100% alinhado ao presidente, quer evitar "que o desastre do passado se repita". "Não que eu concorde totalmente com as pautas do governo federal, mas estarei, muito provavelmente, ao lado do presidente Bolsonaro. O brasileiro que tem a memória boa sabe que o governo Dilma foi uma tragédia, com a maior recessão e inflação da história."

O governador mineiro, principal nome do Novo, fará campanha a Bolsonaro a despeito de alguns comportamentos com os quais diz não concordar. Questionado sobre a cruzada de Bolsonaro contra o sistema eleitoral e os ataques aos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), ele reconheceu que o presidente "às vezes exagera na eloquência" e "vai para o lado da agressividade". No entanto, o que Zema diz mais temer é o PT, que "age na surdina". Logo após a definição de segundo turno, Bolsonaro disse que conversaria com Zema.

COMBATIVIDADE. Em outra frente, o comitê de campanha à reeleição de Bolsonaro se prepara para uma guerra de rejeições, na avaliação de aliados do presidente. A estratégia de propaganda eleitoral tende a recrudescer, se tornando "mais combativa", na palavra de um dos estrategistas de Bolsonaro. Do ponto de vista de alianças, está na mira imediata, além de Zema, o governador Ronaldo Caiado (União Brasil), de Goiás.

Integrantes do governo e do comitê bolsonarista entendem que, para mudar o cenário de favoritismo de Lula, será preciso ampliar o sentimento de antipetismo e apostar na desconstrução do adversário. Na primeira entrevista após a votação, no Palácio da Alvorada, Bolsonaro indicou que irá rever a estratégia e promover ajustes.

Um oficial-general da reserva com assento no governo lembra que a gestão do presidente tem dados positivos para mostrar, sobretudo indicadores econômicos mais recentes e redução de alguns crimes, "mas a chance de melhorar é fazer aumentar a rejeição do Lula". Os integrantes da campanha, sobretudo ligados ao vereador Carlos Bolsonaro, filho do presidente que orientou a estratégia no debate da TV Globo e coordena as ações nas redes sociais, defendem a linha de ampliar a combatividade. ●

BEATRIZ BULLA, EDUARDO GAYER, FELIPE FRAZÃO, GIORDANNA NEVES, JULIA AFONSO, LAURIBERTO POMPEU, LUIZ VASSALLO E MARCELO GODOY

DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO

Lula fala em reunião do comando de campanha em São Paulo: busca por apoio de partidos no 2º turno

Bolsonaro aposta agora em mais 'bondades' no Auxílio Brasil

Sem dar detalhes, presidente compartilha notícia de anúncio do 13.º para mulheres; custo estimado é de R$ 10,110 bilhões

IANDER PORCELLA
EDUARDO RODRIGUES
BRASÍLIA

Na largada do segundo turno das eleições, o presidente Jair Bolsonaro (PL) aposta em mais um conjunto de "bondades" para quem recebe o Auxílio Brasil para derrotar o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Sem dar detalhes, Bolsonaro compartilhou uma notícia de anúncio do 13.º para mulheres que recebem o Auxílio Brasil. Na avaliação da campanha, com quase um mês até a nova rodada de votação, dia 30, o chefe do Executivo tem espaço para crescer no eleitorado de baixa renda no Nordeste, principalmente o feminino.

Para antes do 2º turno
Antecipação do calendário de pagamentos do benefício foi publicada nesta segunda-feira

O governo também antecipou ontem o calendário de pagamentos do Auxílio Brasil em outubro. Os repasses começariam no dia 18 e terminariam no dia 31, conforme o Número de Identificação Social (NIS) dos beneficiários. Agora os pagamentos serão feitos a partir do dia 11 e terminarão no dia 25, cinco dias antes do segundo turno.

A estratégia de Bolsonaro, que começou a ser colocada em prática no dia seguinte ao primeiro turno, é tentar reduzir a vantagem de Lula nos Estados nordestinos, enquanto aposta na manutenção ou até na ampliação do apoio que alcançou no Sudeste. Dos três maiores colégios eleitorais do País, o candidato à reeleição foi mais votado que o petista em dois: São Paulo e Rio de Janeiro. Em Minas Gerais, foi superado por Lula. Agora, contudo, Bolsonaro espera contar com o palanque do governador eleito de MG, Romeu Zema (Novo).

Antes do início da campanha, a economia era considerada o "calcanhar de Aquiles" de Bolsonaro, ou seja, seu ponto fraco, já que a inflação estava alta, os preços dos combustíveis aumentavam e a pobreza crescia. Às vésperas das eleições, contudo, o governo conseguiu aprovar um pacote de "bondades" no Congresso, que incluiu o aumento do Auxílio Brasil de R$ 400 para R$ 600 até o fim do ano e um teto para o ICMS sobre combustíveis, que ajudou a reduzir os preços da gasolina e do diesel.

Os efeitos esperados pela campanha de Bolsonaro com a melhora dos indicadores econômicos e a concessão de benefícios sociais, contudo, não se confirmaram ao longo do primeiro turno. Lula liderou entre quem recebe o Auxílio Brasil e nos Estados do Nordeste, que concentra grande parte da população de baixa renda. Além disso, a rejeição do presidente entre as mulheres continuou alta. Por isso, entre aliados do candidato à reeleição, também há dúvidas se as quatro semanas até o segundo turno serão suficientes para que mais medidas na área econômica de fato surtam efeito.

Em pronunciamento no Palácio do Alvorada no domingo, após acompanhar a apuração dos votos no primeiro turno, Bolsonaro já deu sinais de que apostaria na pauta econômica para reverter a vantagem de Lula. Na ocasião, o presidente disse que obteve menos votos do que o petista porque a população está insatisfeita com a perda de poder de compra. A estratégia bolsonarista é admitir a crise econômica, mas culpar a pandemia de covid-19 e a guerra na Ucrânia, além de dizer que com o PT no governo seria pior. "Entendo que é uma vontade de mudar por parte da população, mas têm certas mudanças que podem vir para pior. E a gente tentou durante a campanha mostrar esse outro lado, mas parece que não atingiu a camada mais importante da sociedade", disse o presidente, no Alvorada.

ORÇAMENTO. O custo de conceder o 13.º salário a mulheres que recebem o Auxílio Brasil seria de R$ 10,110 bilhões. De acordo com informações da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania do Ministério da Cidadania, as mulheres representaram 81,6% no recebimento do Auxílio Brasil em setembro. São 16,85 milhões de famílias chefiadas por mulheres que recebem o mínimo de R$ 600.

A promessa do presidente não tem espaço no Orçamento de 2022 e tampouco na proposta orçamentária do próximo ano já enviada ao Congresso. Apesar de garantir que os pagamentos de R$ 600 continuarão a partir de janeiro, o Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) de 2023 tem recursos suficientes apenas para o pagamento médio de R$ 405 por família. De acordo com cálculos do Ministério da Economia, o custo adicional para manter a parcela extra de R$ 200 nos benefícios seria de R$ 52 bilhões, valor que subiria para mais de R$ 62 bilhões com a nova promessa de 13.º para as famílias chefiadas por mulheres.

No mês passado, Bolsonaro também prometeu pela primeira vez cumprir a lei do Auxílio Brasil e pagar um adicional de R$ 200 às famílias que comprovarem algum vínculo formal de emprego. O chamado Auxílio Inclusão Produtiva Urbana prevê o pagamento extra, mas nunca foi operacionalizado pelo Ministério da Cidadania.

Sem espaço no teto de gastos, tanto Lula como Bolsonaro precisarão negociar com o Congresso um novo rompimento da regra fiscal para conseguir ampliar o gasto social em 2023. O relator-geral do Orçamento, senador Marcelo Castro (MDB), já avisou que só começará a debater a peça após o fim da eleição.

O 13.º do Bolsa Família foi pago só em 2019. Depois disso, veio a pandemia e o governo lançou mão do auxílio emergencial. Além disso, a previsão da parcela adicional não entrou na lei do Auxílio Brasil. ●

Saiba mais

Governo regulamentou consignado do programa

● **Antes do primeiro turno**
Na semana passada, às vésperas do primeiro turno, o governo regulamentou o empréstimo consignado para beneficiários do programa. Pela portaria, os juros a serem cobrados nessas consignações não podem ultrapassar 3,5% ao mês e a quantidade de parcelas do valor contratado deve ser de no máximo 24 prestações (dois anos). O teto é maior do que o imposto pelos bancos ao consignado do INSS: 2,14%.

Além disso, segundo os dados do Banco Central, está acima do que é cobrado, em média, nos vários consignados para trabalhadores do setor privado (2,61%), para trabalhadores do setor público (1,70%), para aposentados e pensionistas do INSS (1,97%) e consignado pessoal total (1,85%).

Como mostrou o Estadão, a modalidade é vista por analistas como eleitoreira e com grande potencial de ampliação do endividamento das famílias. O crédito estará disponível nessa primeira quinzena de outubro, segundo o Ministério da Cidadania, o que ocorrerá depois da conclusão do processo de elegibilidade das instituições financeiras.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Pagina:** 6 + 8

Copyright © Clipclap 2025.